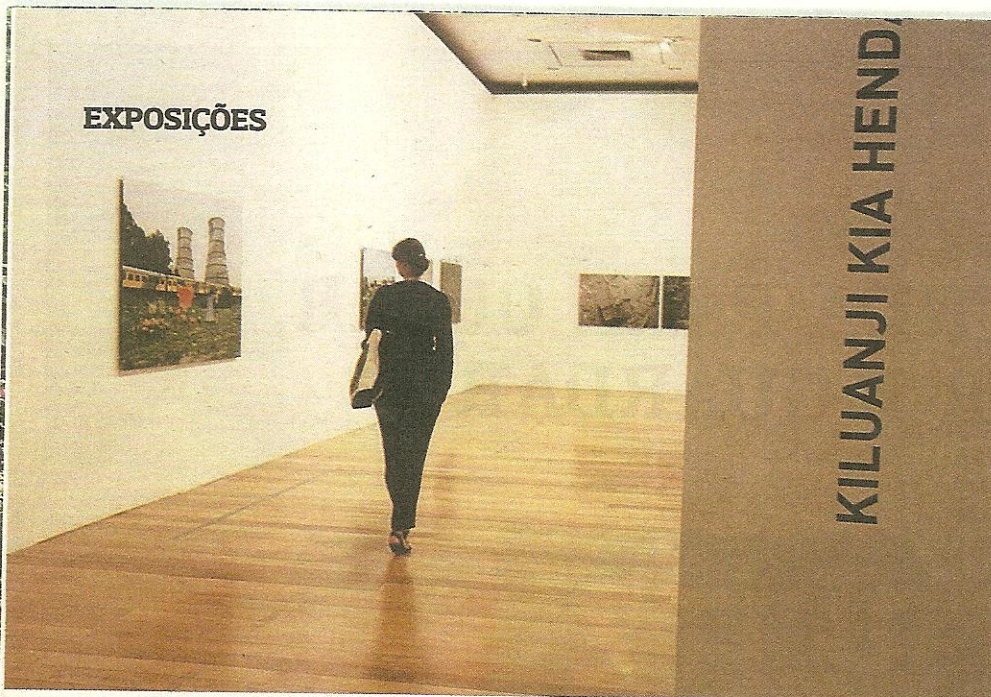


EXPOSIÇÕES



VISTA DA EXPOSIÇÃO DO PRÊMIO
BES PHOTO EM SÃO PAULO
COM DESTAQUE PARA
AS IMAGENS DE KILUANJI KIA HENDA

A TRAVESSIA DAS IMAGENS

O Prémio BES Photo voa para São Paulo e expande-se em todos os sentidos. Na Pinacoteca mostra-se o trabalho dos cinco finalistas para a maior plateia que o galardão alguma vez conheceu

Texto Celso Martins, em São Paulo

Criada em 1905, a Pinacoteca do Estado é o mais antigo museu de São Paulo, conhecido pela sua coleção de arte moderna brasileira mas também por promover, com frequência, mostras de artistas portugueses. Ali expuseram já Júlio Pomar, Jorge Martins, Julião Sarmento, Joana Vasconcelos e, muito recentemente, Paula Rego, a que pode juntar-se a exposição “Portugal Novo”, comissariada por Alexandre Melo e que incluía artistas das últimas gerações. No último dia 18, o edifício da Estação Pinacoteca encheu-se para receber a apresentação da 7ª edição do Prémio BES Photo, que a partir deste ano se abre ao espaço da lusofonia graças a um protocolo celebrado entre o Banco BES, o Museu Coleção Berardo e a Pinacoteca. Como refere Marcelo Araújo, diretor daquela instituição paulista, “a vinda do BES Photo enquadra-se numa tradição da Pinacoteca de divulgação da arte portuguesa em São Paulo. Nos últimos anos, graças a parcerias com inúmeras instituições portuguesas e também com o Ministério da Cultura, houve a possibilidade de mostrar um número significativo de artistas portugueses com posições destacadas que não tinham ainda tido aqui a divulgação que merecem”.

Com uma montagem naturalmente diferente da de Lisboa, a exposição dá destaque espacial ao trabalho da vencedora, Manuela Marques, e reforça a individualidade do trabalho dos restantes participantes — Carlos Lobo (Portugal), Kiluanji Kia Henda (Angola), Mário Macilau (Moçambique) e Mauro Restiffe (Brasil) —, deixando ver com clareza que a edição da internacionalização do prémio é

uma das mais diversificadas desde a sua criação.

Nascido em 2004, o BES Photo premiou até à sua mais recente edição alguns dos melhores criadores fotográficos portugueses (Helena Almeida, José Luís Neto, Miguel Soares, Daniel Blaufuks, Edgar Martins e Filipa César), mas foi quase sempre um prémio fechado e previsível, para o qual eram escolhidos artistas e fotógrafos em fases diferenciadas da carreira, o que tornava sistematicamente óbvio o vencedor.

O alargamento ao âmbito incomparavelmente maior do espaço cultural lusófono significa, por si só, uma tal revolução no seu perfil que quase se pode falar de um outro prémio. Desde logo porque o valor atribuído é bastante mais elevado (passou de 25 mil euros para 40 mil euros), o que reforça a sua dimensão. Mas sobretudo porque, ao alargar-se, ele coloca em confronto realidades, concepções fotográficas e culturais relacionáveis mas diferenciadas, redimensionando assim o seu prestígio.

Finalmente, a exposição será vista a partir de agora também em São Paulo, a sexta cidade mais populosa do mundo e uma das que ostentam uma vida cultural mais intensa entre as metrópoles sul-americanas. Do outro lado do Atlântico, essa transformação também é saudada: “Um prémio como este é um estímulo muito importante, porque ocorre num âmbito internacional. Essa é uma especificidade interessante para nós, porque permite esse cotejo da produção da fotografia brasileira, que está num momento privilegiado, e um confronto com a produção desses outros países com os quais o Brasil tem relações culturais muito importantes”, destaca Marcelo Araújo.

Com referências nos principais jornais da cidade, como a “Folha de São Paulo”, onde saiu um portefólio, na revista “Época”, que incluiu um artigo sobre o historial do prémio e a sua presença recente no Brasil, ou no site digital Artistas e Artes, a exposição tem recebido razoável atenção na imprensa, fator decisivo para a sua popularidade futura num meio onde a oferta cultural é vasta e competitiva. Em São Paulo, a lusofonia em imagens pode ser vista até 23 de outubro. A

(O Expresso viajou a convite do Banco Espírito Santo)

o coletivo
perdeu um C



Consoantes mudas: o que não se pronuncia, não se escreve.